

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE AUTISTA: UM ENFOQUE NA HUMANIZAÇÃO

Nair Kelly Santos¹
José Augustinho Mendes Santos²
Camila da Paz Santos³
Valéria Pedrosa Lima⁴

RESUMO

Esse estudo tem como objetivo descrever o que a literatura científica mais atual traz a respeito da assistência humanizada de enfermagem junto à criança autista. Trata-se de uma revisão integrativa realizada nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Base de Dados em Enfermagem (BDENF) e Índice Bibliográfico Espanhol de Ciências da Saúde (IBECS), incluindo artigos publicados de 2008 a 2014. A partir dos critérios inclusão e exclusão, foram selecionados 8 artigos. Os enfermeiros precisam investir nas práticas de atenção à saúde, na comunicação da sua avaliação para uma melhor confirmação de diagnóstico e início do tratamento, proporcionando um atendimento humanizado, e ter consideração à complexidade e o impacto do diagnóstico na família. Conclui-se que a criança autista é um paciente que requer uma maior atenção da equipe de enfermagem. Os enfermeiros precisam elaborar estudos com o intuito de se criar cuidados e intervenções específicos de enfermagem para os autistas.

Palavras-Chave: Enfermagem. Autismo. Assistência.

ABSTRACT

This study aims to describe the most current scientific literature regarding brings the humanized nursing care with the autistic child. This is an integrative review conducted on the basis of Latin American and Caribbean Literature Data on Health Sciences (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Database of Nursing (BDENF) and Spanish Bibliographic Index of Sciences health (IBECS), including articles published from 2008 to 2014. based on the inclusion and exclusion criteria, 8 articles were selected. Nurses need to invest in health care practices, in its evaluation for better confirmation of diagnosis and initiation of treatment communication, providing humane care, and to be considerate to the complexity and the impact of the diagnosis in the family. We conclude that the autistic child is a patient who requires more attention from the nursing staff. Nurses need to conduct studies in order to create care and specific nursing interventions for autism.

Keywords: Nursing. Autism. Assistance.

¹ Enfermeira, graduada pela Faculdade Estácio de Alagoas. E-mail: nair.kelly@hotmail.com

² Enfermeiro, Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde do Hospital Santa Cruz. E-mail: augustinhomendes1@gmail.com

³ Enfermeira, Mestra em Enfermagem, Docente da Faculdade Estácio de Alagoas. E-mail: camilapazsantos@gmail.com

⁴ Assistente Social, Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Docente da Faculdade Estácio de Alagoas. E-mail: valeira.plima@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O autismo é um transtorno de desenvolvimento, manifestado caracteristicamente antes dos três anos de idade e caracterizado por um comprometimento de todo desenvolvimento psiconeurológico, comprometendo tanto a comunicação (fala e entendimento) quanto o convívio social (CARNIEL; SALDANHA; FENSTERSEIFER, 2010).

Em 2007, o Ministério da Saúde do Brasil constituiu um grupo de trabalho para atenção aos autistas na rede do Sistema Único de Saúde, mostrando a importância do tema. Um dos assuntos discutidos no grupo de trabalho (GT) foi o da necessidade de produção de informação fundamentado em evidências científicas para o encaminhamento das propostas de atenção aos transtornos do espectro autista (TEA), conjunto de manifestações da qual o autismo faz parte (TEIXEIRA et al, 2010).

De acordo com Moreira (2010), o autismo infantil caracteriza-se por anormalidades qualitativas nas três áreas seguintes: interação social, comunicação e conduta, que é restrito e recorrente. Como princípio as pessoas com autismo expõem pelo menos 50% das características relacionadas à lista de comparação de autismo, esta serve como orientação para o diagnóstico. Os sinais podem alterar de intensidade ou com a idade.

Mais recentemente, foram mencionadas prevalências de até 60 autistas para cada 10.000 crianças. De modo geral, considera-se que a prevalência do autismo esteja em torno de 1:1000, com prevalências mais altas se os critérios diagnósticos incluírem o transtorno global do desenvolvimento (TGD) ou transtornos do espectro autista. É um transtorno que ataca mais frequentemente meninos, em uma proporção de 3 a 4 meninos para uma menina (SUDRÉ et al, 2011).

O descobrimento do autismo se dá em torno dos dois primeiros anos de vida e aqueles com quociente de inteligência (QI) maior e capazes de articular, têm prognóstico mais positivo. Na vida adulta, os problemas de comunicação e socialização tendem a prosseguir, e somente uma pequena parcela alcança independência. Até o momento, não se alcançou à cura para o autismo, a terapêutica tende ajudá-los a obter independência para atividades diárias, como vestir-se e se higienizar (MONTEIRO et al, 2008).

As crianças com autismo têm maior dificuldade em efetuar as atividades ditas simples, daí acentuar-se a necessidade de cuidados e a dependência para com os

pais ou cuidadores. Dessa forma, para se habituar-se às limitações e necessidades particulares da criança com autismo, a família precisa de constantes mudanças na sua rotina diária (SMEHA; CEZAR, 2011). Os enfermeiros precisam reconhecer que nem todas as crianças com autismo são iguais, necessitando, portanto, de avaliação e de terapêutica individuais.

Sudré et al. (2011), propõem que a Enfermagem constrói o processo interpessoal na sua prática assistencial utilizando teorias do comportamento humano como fundamento científico, com a finalidade de produzir efeitos preventivos e corretivos nos portadores de Transtornos Mentais, almejando estimular a Saúde Mental no contexto de equilíbrio na sociedade, na comunidade e nos indivíduos que a integram, e se possível realizar novas experiências a partir desta realidade vivenciada.

Vale ressaltar que uma adequada orientação de enfermagem só poderá ser dada se o profissional tiver um embasamento para isso. Por esse motivo, torna-se indispensável ter estudos mais aprofundados acerca do autismo, uma vez que mesmo durante o período acadêmico, pouco se estuda a respeito.

Diante do exposto, este estudo tem como objetivo descrever o que a literatura científica mais atual traz a respeito da assistência humanizada de enfermagem junto à criança autista.

MÉTODO

Para obter os objetivos escolhidos para este trabalho, o método selecionado foi à revisão integrativa da literatura. Método que tem a finalidade de reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre um delimitado tema ou questão, de maneira sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento do tema investigado bem como a identificação de lacunas que direcionam para o desenvolvimento de futuras pesquisas. As etapas que conduziram esta revisão integrativa foram: elaboração da questão norteadora, estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão para a seleção da amostra, análise crítica, interpretação e apresentação dos resultados e conclusões (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Na realização da escolha dos estudos, foram utilizados os Sistemas de Bases de Dados importantes no contexto da saúde, através do acesso Online, utilizaram-se as seguintes fontes de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Base de Dados em

Enfermagem (BDENF) e Índice Bibliográfico Espanhol de Ciências da Saúde (IBECS). A busca dos estudos nas bases de dados mencionados se fez uso do cruzamento das palavras citadas nos descritores, às mesmas registradas nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) foram: autismo, enfermagem e assistência, utilizando o operador booleano AND.

A pesquisa foi concretizada por via eletrônica, os critérios de inclusão foram artigos científicos na íntegra, publicados entre os anos de 2008 a 2014, nos idiomas: inglês e português. Como critérios de exclusão foram artigos que disponibilizarem apenas resumo, capítulos de livros, dissertações, teses, reportagens, notícias e textos não científicos.

O levantamento dos artigos científicos nas bases de dados foi realizado entre março e julho de 2014. A apresentação da amostra obtida nas bases de dados selecionadas de acordo com o cruzamento entre as palavras está descrita nos quadros.

Quadro 1: Artigos obtidos no LILACS, SCIELO, BDENF e IBECS 2008/2014.

CRUZAMENTOS	RESULTADOS	ENCONTRADOS	SELECIONADOS	AMOSTRA
LILACS				
Autismo AND Enfermagem AND Assistência	4	4	3	3
SCIELO				
Autismo AND Enfermagem	1	1	1	1
BDENF				
Autismo AND Enfermagem	3	3	3	3
IBECS				
Autismo AND Assistência	10	2	1	1
TOTAL	18	10	8	8

Fonte: Dados da pesquisa, em entre março e julho de 2014.

Após a escolha pelos artigos, foi seguidamente feita uma leitura superficial dos materiais alcançados, para escolher o que era de importância para a pesquisa, em seguida, realizou-se uma leitura mais minuciosa, a fim de não serem perdidos aspectos admiráveis para o desenvolvimento do estudo e a confecção da redação final da pesquisa.

RESULTADOS

Na presente revisão integrativa, analisou-se um total de 8 artigos científicos que atenderam rigorosamente à seleção da amostra previamente estabelecida (critério de inclusão). Na tabela I, mostra a quantidade de amostra em cada base de dados.

Tabela 1- Amostras obtidas nas bases de dados, LILACS, SCIELO, BDEF e IBES 2008/2012. Apresentados em números e percentual.

BASE DE DADOS	Total=8	%
LILACS	3	37,5
SCIELO	1	12,5
BDEF	3	37,5
IBES	1	12,5

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Na tabela 1, nota-se que a maior quantidade de artigos foram encontrados no LILACS e no BDEF com 3 (37,5%) cada, enquanto no SCIELO E IBES mantiveram - se empatados com 1(12,5%) cada.

Em relação ao periódico de publicação, todos foram publicados em revistas científicas. Frente à apresentação dos resultados 6 (75%) foram escritos por enfermeiros e 2 (25%) não informado. Referente ao ano de publicação, 3 (37,5%) foram publicados em 2008, 1 (12,5%) em 2009, 2 (25%) em 2010, 2 (12,5%) em 2011 e 1 (12,5%) em 2012. Em relação ao país de publicação 6 (75%) foram no Brasil e 1(12,5%) foi na Espanha e 1 (12,5%) foi na Colômbia. Em relação à escrita 1 (12,5%) em inglês, 1 (12,5%) em espanhol e 6 (75%) em português. Em relação à região, 4 (50%) foram publicados na região sudeste, 1 (12,5%) no Nordeste, 1 (12,5%) no Centro-Oeste e 2 (25%) em nível internacional.

Quanto ao tipo de estudo, 4 (50%) são estudos qualitativo; 1 (12,5%) é estudo descritivo de abordagem quantitativo e exploratório; 1 (12,5%) é estudo de investigação analítica e descritiva de abordagem qualitativo; 1 (12,5%) é quantitativo, descritivo e exploratório e 1(12,5%) é não informado.

No quadro abaixo verificamos o que foi abordado como resultado acima:

Quadro 2: Distribuição dos estudos com relação ao título, autores, objetivos, síntese dos resultados e conclusão.

Periódico ----- Ano/Região / País	Título	Autoria ----- Tipo de Estudo	Objetivos	Resultados	Conclusão
Revista Mineira de Enfermagem ----- 2008/ Minas Gerais / Brasil	Convivendo com a criança autista: sentimentos da família.	RODRIGUES, L. R.; FONSECA, M. O.; SILVA, F. F. ----- Estudo qualitativo.	Identificar o significado do autismo para familiares de crianças portadoras desse transtorno e o envolvimento deles no tratamento/acompanhamento dessas crianças.	Foram encontradas como unidades temáticas a dificuldade de comunicação e socialização da criança autista, referida como a dificuldade do portador de autismo em usar a linguagem para se comunicar ou de perceber as outras pessoas.	Pode-se perceber que é essencial que profissionais da área da saúde estejam cientes dos problemas mais comuns enfrentados pelos pais de crianças autistas, para que possam assisti-los em relação ao sofrimento que experimentam, bem como do sofrimento da criança e da família.
Revista Pediatria ----- 2010 / São Paulo / Brasil	A atuação do enfermeiro frente à criança autista.	CARNIEL, E. L.; SALDANHA, L. B.; FENSTERSEIFER, L. M. ----- Estudo qualitativo	Analisar da atuação do enfermeiro frente ao autismo, uma síndrome ainda pouco explorada dentro do campo da enfermagem.	Pode-se perceber que a atuação dos enfermeiros frente à criança autista e sua família é fundamental, uma vez que eles têm um importante papel socializador, de aceitação e compreensão da criança, bem como no estabelecimento de limites e orientação e apoio à família.	Conclui-se que é necessário haver estudos mais aprofundados e trabalho em equipe para uma atuação realmente efetiva.
Revista Pediatria ----- 2011 / São Paulo / Brasil	Proposta de um plano de cuidados para crianças autistas.	CARNIEL, E. L.; SALDANHA, L. B.; FENSTERSEIFER, L. M. ----- Estudo qualitativo	Formular de um plano de cuidados para a criança autista.	Por meio de uma entrevista semiestruturada obtiveram as seguintes informações: como os enfermeiros veem seu papel diante da criança autista e da família; a forma de obtenção do conhecimento necessário para se trabalhar com esse tipo de criança e o entendimento que eles têm sobre o autismo.	Com base nos dados coletados e na revisão de literatura, elaborou-se um plano de cuidados para a criança autista.

<p>Revista Brasileira de Enfermagem ----- -----2008 / Brasília / Brasil</p>	<p>Maternal experiences in the reality of having an autistic son: an understanding for nursing.</p>	<p>MONTEIRO, C. F. S. et al. ----- ----- Estudo descritivo, com abordagem qualitativa.</p>	<p>Descrever a vivência de ser mãe de criança autista</p>	<p>A análise revela que as mães vivenciam a facticidade de ter um filho autista permeada por sentimentos de nulidade, fé e solidão. As mães também deixam de viver o seu cotidiano para viverem o cotidiano do filho.</p>	<p>Ao assumirem sua condição existencial-estarno-mundo e ser mãe de uma criança autista, passam a se compreenderem como ser capaz de lutar pelo bem-estar do filho, sem queixas, demonstrando abnegação, paciência e preocupação.</p>
<p>Cuidarte Enfermagem ----- ----- 2009/ Bucaramanga / Colômbia.</p>	<p>Autismo: conhecimento da equipe de enfermagem.</p>	<p>NUNES, S. C.; SOUZA, T. Z.; GUINCO, C. T. ----- Estudo quantitativo e exploratório.</p>	<p>Verificar o conhecimento da equipe de enfermagem sobre os sinais e sintomas precoces no indivíduo autista.</p>	<p>Os resultados evidenciaram que 12 sujeitos (15%) já haviam entrado em contato com crianças autistas e suas famílias e 49 (43%) sabiam reconhecer a tríade comportamental que envolve esse tipo de distúrbio.</p>	<p>A partir deste estudo se propõe que sejam oferecidos cursos de capacitação aos profissionais da área da saúde pública no Brasil, visando contribuir para melhoria da qualidade de vida do indivíduo autista e seus familiares.</p>
<p>Revista de Enfermagem da UFPE On Line ----- 2012/ Recife/ Brasil</p>	<p>Assistência interdisciplinar prestada à criança portadora de autismo.</p>	<p>GOUVEIA, A. O. et al. ----- Estudo de investigação analítica e descritiva com abordagem qualitativa.</p>	<p>Investigar como é conduzida a assistência a crianças portadoras de autismo, pela equipe interdisciplinar de um Centro de Atenção Psicossocial Infantil e avaliar as principais abordagens utilizadas na assistência prática e as possibilidades de reabilitação dessas crianças autistas quando há</p>	<p>Percebeu-se através dos relatos que o trabalho da equipe interdisciplinar e multiprofissional proporcionou uma melhor qualidade de vida aos portadores de autismo.</p>	<p>Evidenciou-se nesta investigação que um tratamento precoce, especializado, qualificado e humanizado promove reabilitação psicossocial e melhoria na qualidade de vida.</p>

			intervenção precoce.		
Revista de Pesquisa: Cuidado é fundamental Online ----- --- 2010/ Rio Janeiro/ Brasil	O cuidar do portador de autismo e seus familiares: uma abordagem multiprofissional.	MOREIRA, N. S. ----- Estudo qualitativo	Propiciar uma melhor qualidade de vida aos familiares e as crianças autistas; Levantar dados para a melhoria da qualidade de vida junto à equipe técnica que atende os familiares do setor; e Contextualizar as questões levantadas junto à equipe Multiprofissional.	As subsidiaram a compreensão da realidade vivenciada por uma equipe multiprofissional, na qual destinam suas ações tanto para criança quanto para seus os familiares, adotando uma assistência integral e humanizada.	Enquanto profissionais de enfermagem em formação, podemos lançar mão de nossos conhecimentos e interesses no comportamento humano, e a partir daí proporcionamos nosso cuidado e apoio a estas crianças os quais, fatalmente, são excluídos por uma sociedade preconceituosa que impõe barreiras e designa estereótipos.
Anales de Psicología ----- ---- 2008 / Murcia / Espanha	Factores asociados el estrés del cuidador primário de niños com autismo: sobrecarga, psicopatología y estado de salud.	SEGÚI, J. D.; ORTIZ-TALLO, M.; DIEGO, Y. ----- -- Não informado.	Avaliar os níveis de carga e para a saúde mental e física em cuidadores de crianças diagnosticadas com autismo	Os resultados indicam uma alta sobrecarga de cuidadores, e saúde física e mental mais pobre em comparação com a população em geral. Foram encontradas correlações positivas significativas entre os níveis de sobrecarga e psicopatologia e dimensões da saúde avaliadas.	Portanto os resultados são consistentes com estudos anteriores neste domínio. É necessário a criação de programas de assistência e apoio a cuidadores de crianças com doenças crônicas.

DISCUSSÃO

Os autores relatam que o autismo é uma síndrome definida por alterações presentes em idades muito precoces, caracteristicamente antes dos três anos de idade, e que se diferencia sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação. É um distúrbio de desenvolvimento humano extremamente polêmico, que vem sendo analisado pela ciência há quase seis

décadas e, mesmo assim, ainda continuam, dentro do próprio âmbito da ciência, divergências e grandes questões para se responder socialmente (CARNIEL; SALDANHA; FENSTERSEIFER, 2011), o diagnóstico precoce possibilita ao enfermeiro atuar diretamente, por meio de um plano de cuidados, e também encaminhar a criança a uma equipe especializada para confirmação diagnóstica e terapêutica. Segundo Moreira (2012), o autista não é propriamente uma pessoa portadora de uma doença que restringe a capacidade de interagir socialmente, mas sim uma pessoa que vive em seu próprio “mundo interior” e que este ainda não conhecemos.

A prevalência do autismo é quatro vezes maior em crianças do sexo masculino do que do sexo feminino, contudo, existem evidências de que as crianças do sexo feminino tendem a ser mais severamente afetadas. Essa alta prevalência no sexo masculino, pode estar relacionada ao fato de que o sexo feminino tem maior tendência em exibir um Q.I mais baixo que os do sexo masculino (RODRIGUES; FONSECA; SILVA, 2008).

A criança autista precisa de abordagens diferenciadas, uma das causas é o déficit comunicativo, por isso é importante que os cuidados proporcionados a ela sejam elaborados de forma a atender essas necessidades e também com a finalidade de desenvolver a capacidade comunicativa ou, pelo menos, estimular para que isso ocorra.

O tratamento precisa ser elaborado de acordo com as necessidades e etapas da vida das crianças. O tratamento do autismo tem como preferência a terapia da fala, da interação social/linguagem que pode ser aprimorada por meio das oficinas de brincar, educação específica e suporte familiar. O acolhimento acontece quando a criança com autismo constrói uma relação primordial com o terapeuta (GOUVEIA et al., 2012), é importante que a criança seja escutada e vista, para que, então, possam ser realizadas as construções que deveriam ter acontecido nos primeiros anos de vida.

Conforme Sena e Sobreira (2012), os autistas e seus familiares sofrem bastante com o preconceito da sociedade, por ser uma síndrome que afeta as áreas de desenvolvimento psiconeurológico da criança, comprometendo seu desenvolvimento cognitivo, social e comportamental, interfere inteiramente na convivência e no estabelecimento de relações sociais com outras pessoas, atrapalhando sua adaptação ao meio em que vivem.

O envolvimento da família na terapêutica, sucessivamente, exige modificações na rotina dela. Deste modo, a adoção de determinados padrões de comportamento e atitudes em relação aos aspectos da vida passam a ser subordinados quase que exclusivamente a doença, a qual leva ao estabelecimento de padrões familiares severos, impossibilitando o processo de desenvolvimento individual e familiar (SEGUÍ; ORTIZ-TALLO; DIEGO, 2008), é de responsabilidade do enfermeiro se informar sobre o ambiente familiar da criança autista, para evitar interferências na terapêutica, pois somente desta forma o enfermeiro poderá estimular e facilitar o tratamento desta criança.

As equipes de saúde das UBS e/ou USF, em especial os enfermeiros são responsáveis, no âmbito de suas ações profissionais, pela assistência humanizada as crianças com autismo, encaminhamento e solução de seus problemas, tendo como objetivo minimizar os problemas e promover uma melhoria da qualidade de vida da criança e dos familiares (NUNES; SOUZA; GUINCO, 2009), podemos considerar que o enfermeiro é o componente da equipe de enfermagem envolvido na assistência a saúde da criança que exerce papel vital na identificação e avaliação do desenvolvimento da criança.

Os resultados de um estudo realizado por Carniel, Saldanha e Fensterseifer (2010), mostram que os enfermeiros entrevistados relataram que para trabalhar com crianças são necessárias aceitação e compreensão dessa criança por parte do profissional, pois os enfermeiros precisam reconhecer que nem todas as crianças com autismo são idênticas, necessitando, portanto, de avaliação e de tratamento individuais.

Humanizar é se comunicar com o outro, é saber ouvir. O paciente sente a necessidade do diálogo, de relatar suas angústias e desconfortos. A equipe de enfermagem por sua vez, precisa ter a capacidade de tentar entender o que aquele paciente sente no momento além de sua doença, tendo a possibilidade de se colocar no lugar do outro e se tornar um profissional menos técnico e mais humano. (OLIVEIRA; COLLET; VIEIRA, 2006 apud BARRETO; LIMA, 2012, p. 214).

O cuidar para enfermagem é como ação primária e precisa voltar-se não exclusivamente para a criança autista, mas também para as mães destas crianças (MONTEIRO et al. 2008), pois o papel do enfermeiro é estar atento às reações da criança ao se relacionar com alguém. Também cabe a ele proporcionar conhecimentos aos pais acerca do autismo, avaliar o grau de compreensão desses

pais sobre a doença, bem como o enfrentamento deles diante dessa inesperada realidade que se apresenta.

Os enfermeiros precisam investir nas práticas de atenção à saúde, na comunicação da sua avaliação para uma melhor confirmação de diagnóstico e início do tratamento, proporcionando um atendimento humanizado, e ter consideração à complexidade e o impacto do diagnóstico na família (MORAIS et al. 2009).

Portanto, ainda não temos estudos que tratem diretamente sobre a humanização da assistência de enfermagem ao paciente autista, e isso acaba limitando o avanço na assistência. Entende-se que a humanização em saúde é resgatar o respeito à vida humana, levando em conta as situações sociais, éticas e psíquicas em todo o relacionamento humano (NUNES; SOUZA; GUINCO, 2009), pois deste modo à humanização supõe troca de conhecimentos, diálogo entre os profissionais e maneiras de trabalhar em equipe.

CONCLUSÃO

Diante do exposto neste trabalho, entende-se que a criança autista é um paciente que requer uma maior atenção da equipe de enfermagem. O papel do enfermeiro não se restringe a executar técnicas e/ou procedimentos, mais que isso, ele precisa desenvolver a habilidade de comunicação que satisfaça a necessidade do paciente, pois este é um instrumento que garante a qualidade do processo de cuidar.

O enfermeiro precisa demonstrar ternura, conversar com a criança, chamá-la pelo nome e, como em qualquer outro atendimento, informar à criança os procedimentos que serão executados, pois mesmo não desenvolvendo a capacidade de "feedback", não é comprovado que a criança não entenda o que está sendo dito. O atendimento humanizando é de suma importância, considerando a complexidade e o impacto do diagnóstico na família, além da necessidade de que esta seja auxiliada por um profissional capacitado, preparado e que inspire confiança a todos os que vivem com a criança autista.

Enfim, temas como autismo têm sido pouco estudados, principalmente relacionados à humanização da assistência de enfermagem ao paciente. Ressalta-se a importância de pesquisas e grupos de estudos sobre o autista e sua relação com o profissional de enfermagem, pois cabem aos enfermeiros elaborar estudos com o

intuito de se criar cuidados e intervenções específicos de enfermagem para os autistas.

REFERÊNCIAS

BARRETO, F. L. F.; LIMA, L. F. A. S. A humanização da assistência de enfermagem para crianças internadas através da arte. *Revista Conceito A | Revista dos Trabalhos de Conclusão de Curso, Recife*, n. 3, p. 211-262, 2012. Disponível em: http://www.faculdadesaomiguel.com.br/pdf/revista-conceito/enfermagem_humanizacao-da-assistencia.pdf. Acesso em: 8 Jul. 2014.

CARNIEL, E. L.; SALDANHA, L. B.; FENSTERSEIFER, L. M. A atuação do enfermeiro frente à criança autista. *PEDIATRIA, São Paulo*, v.32, n. 4, p. 255-260, 2010. Disponível em: <<http://www.pediatrasiapaulo.usp.br/upload/pdf/1361.pdf>>. Acesso em: 1 Abr. 2014.

CARNIEL, E. L.; SALDANHA, L. B.; FENSTERSEIFER, L. M. Proposta de um plano de cuidados para crianças autistas. *PEDIATRIA, São Paulo*, v. 33, n. 1, p. 4-8, 2011. Disponível em: < <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IscScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=607248&indexSearch=ID>>. Acesso em: 20 Mai. 2014.

GOUVEIA, A. O. et al. Assistência interdisciplinar prestada à criança portadora de autismo. *Revista de enfermagem da UFPE on line. Recife*, v. 6, n. 5, p. 1180-1186, mai. 2012. Disponível em:< <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/download/2461/3766>>. Acesso em: 20 Mai. 2014.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto Enfermagem, Florianópolis*, v. 17, n. 4, p. 758-764, Out-Dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/18.pdf>>. Acesso em: 1 Abr. 2014.

MONTEIRO, C. F. S.; et al. Maternal experiences in the reality of having an autistic son: an understanding for nursing. *Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília*, v. 61, n. 3, p. 330-335, maio-jun. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n3/a09v61n3>>. Acesso em: 1 Abr. 2014.

MORAIS, G. S. N. et al. Comunicação como instrumento básico no cuidar humanizado em enfermagem ao paciente hospitalizado. *Acta Paulista de Enfermagem. São Paulo*, v.22, n. 3. p.323-327, Mai/Jun. 2009. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ape/v22n3/a14v22n3.pdf> >. Acesso em: 20 Jul. 2014.

MOREIRA, N. S. O cuidar do portador de autismo e seus familiares: uma abordagem multiprofissional. *Revista de pesquisa: cuidado é fundamental Online, Rio de Janeiro*, v. 2(Ed. Supl.), p. 271-2010, out/dez. 274. Acesso em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/905/pdf_130>. Acesso em: 1 Abr. 2014.

NUNES, S. C.; SOUZA, T. Z.; GUINCO, C. T. C. Autismo: conhecimento da equipe de enfermagem. *Cuidarte Enfermagem*, Bucaramanga, v. 3, n. 2, p.134-141, julho-dezembro 2009. Disponível em: < <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=20551&indexSearch=ID>>. Acesso em: 20 Mai. 2014.

OLIVEIRA, G. F.; DANTAS, F. D. C.; FONSÊCA, P. N. O impacto da hospitalização em crianças de 1 a 5 anos de idade. *Anais: V Congresso da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, de 7 a 10 de setembro de 2006 em São Paulo. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/rsbph/v7n2/v7n2a05.pdf>>. Acesso em: 20 Jul. 2014.

RODRIGUES, L. R.; FONSECA, M. O.; SILVA, F. F. Convivendo com a criança autista: sentimentos da família. *Revista Mineira de Enfermagem*, Minas Gerais, v. 12, n. 3, p. 321-327, jul.-set. 2008. Disponível em: < <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=16342&indexSearch=ID>>. Acesso em: 20 Mai. 2014.

SEGUÍ, J. D.; ORTIZ-TALLO, M.; DIEGO, Y. Factores asociados al estrés del cuidador primario de niños con autismo: Sobrecarga, psicopatología y estado de salud. *Anales de psicología*, Murcia, v. 24, n; 1, p. 100-105, jun. 2008. Disponível em: < <http://revistas.um.es/analesps/article/view/31841>>. Acesso em: 20 Mai. 2014.

SENA, R. C. F.; SOBREIRA, M. V. S. Concepções e conhecimentos dos enfermeiros da estratégia de saúde da família sobre autismo infantil. *Revista de enfermagem da UFPE on line*. Recife, v. 6, n. 4, p. 969-972, Abr. 2012. Disponível em: < <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/download/2609/3577>>. Acesso em: 20 Mai. 2014.

SMEHA, L. N.; CEZAR, P. K. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 1, p. 43-50, jan./mar. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722011000100006&script=sci_arttext>. Acesso em: 1 Abr. 2014.

SUDRÉ, R. C. R.; et al. Assistência de enfermagem a crianças com transtorno global do desenvolvimento (TGD): autismo. *Arquivos Médicos dos Hospitais e da Faculdade Ciências Médicas da Santa Casa*, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 102-106, 2011. Disponível: <<http://www.fcmscsp.edu.br/files/AA07.pdf>>. Acesso em: 1 Abr. 2014.

TEIXEIRA, M. C. T.; et al. Literatura científica brasileira sobre transtornos do espectro autista. *Revista da Associação Médica Brasileira*, São Paulo, v. 56, n. 5, p. 607-614, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ramb/v56n5/v56n5a26.pdf>>. Acesso em: 1 Abril de 2014.